

AUTOR DO TRABALHO: MAYCON CARDOSO BERRIEL.

CONDIÇÃO: PESQUISADOR INDEPENDENTE (LICENCIADO EM GEOGRAFIA PELA UERJ/FFP E GRADUANDO EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UFF)

O CAMPESINATO E O MARXISMO: ALGUMAS BREVES

CONSIDERAÇÕES DE MARX E ENGELS.

Introdução:

O presente trabalho a ser apresentado no V Colóquio Internacional Marx e Engels, tem como objetivo fazer alguns apontamentos a respeito da interpretação dos pensadores Karl Marx e Friedrich Engels sobre o campesinato.

Como bem sabemos ao longo de suas vastas produções científicas, Karl Marx e Friedrich Engels, com base na análise do desenvolvimento do capitalismo na parte ocidental do continente europeu, afirmam que a única classe realmente revolucionária é o proletariado que tem a incumbência histórica de conduzir a humanidade ao Socialismo. Em outros escritos, levando em consideração o lado oriental da Europa, notadamente a Rússia, os escritores admitem que a comunidade rural russa, poderia vir a ter um importante papel na passagem para o socialismo, sem ter que obrigatoriamente passar pela etapa capitalista.

De modo geral, a questão agrária não foi objeto de um estudo aprofundado pelos autores mencionados e, desse modo, pelos anos de 1890, diversos foram os debates que envolviam a questão do desenvolvimento do capitalismo no campo e o futuro do campesinato. Datam dessa década as importantes obras de Karl Kautsky e Vladimir Lênin, que em linhas gerais, entendiam que o campesinato estava condenado ao desaparecimento, porém, com uma ligeira diferença, visto que Lênin admitia a participação política do campesinato pobre em aliança com o operariado urbano.

Os escritos de Kautsky e Lênin serão basilares para compor a chamada visão ortodoxa do marxismo a respeito do desenvolvimento do capitalismo no campo e que foi intensamente propagada a partir das resoluções do VI Congresso da III Internacional dos Trabalhadores, conhecida como a Internacional Comunista, que consistia em uma estratégia revolucionária a ser adotada em todos os países periféricos que era a tese da revolução democrático-burguesa. Esse pensamento também é conhecido como a de

revolução em etapas e que foi difundido por todos os partidos comunistas da época. A partir de então, o campesinato passou a ser visto como um resquício do modo de produção feudal que precisaria ser eliminado e transformado em proletário.

A partir da segunda metade do século XX, importantes fatos históricos, tais como, a Revolução Chinesa de 1949, a Revolução Cubana e os movimentos de libertação nacional, servirão como mola propulsora para o questionamento das teses marxistas ortodoxas sobre o campesinato e então, novos referenciais teóricos serão buscados para sustentar as novas interpretações sobre o camponês.

Analisando a história do século XX, veremos que a tese da Revolução Socialista se desenvolver em países de capitalismo avançado (portanto, com numerosa população proletária), não se confirmou e, contraditoriamente as insurreições revolucionárias vieram a ocorrer em países de capitalismo periférico, com a importante participação dos trabalhadores do campo que se encontravam em situação precária de sobrevivência.

Marx e Engels: algumas considerações sobre o campesinato.

Para começar a explanação, devemos fazer algumas citações de Karl Marx sobre o camponês ocidental. Em um artigo publicado no livro Revolução e Contra-revolução, ao analisar a situação da estrutura de classes na Alemanha, Marx (1988: 108) nos fala que:

(...) trabalhadores braçais do campo, cuja condição, em muitas das grandes fazendas, era exatamente a mesma de seus congêneres na Inglaterra, e que sempre viviam e morriam na miséria, mal nutridos e eram escravos de seus patrões. (...) Contudo, ao mesmo tempo, é evidente e igualmente comprovado pela história de todos os países modernos que a população agrícola, devido à sua dispersão numa área muito ampla e pela dificuldade de elaborar um acordo entre uma boa parte dela, jamais pode tentar executar com êxito um movimento por conta própria; ela necessita do impulso inicial da gente mais unida, mais esclarecida e mais impressionável das cidades.

A opinião do autor sobre o papel político do campesinato ocidental pode ser muito bem entendida conforme a citação acima destacada, em que fica claro a interpretação de que o campesinato não é capaz de realizar por conta própria ações políticas que visem a transformação social. A propriedade da terra faz dos camponeses elementos conservadores politicamente.

Em sua obra O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, ao analisar a situação política em que se encontra a França de meados do século XIX, tendo como pano de fundo a ascensão ao poder do sobrinho de Napoleão Bonaparte, o autor nos diz:

Os pequenos camponeses constituem uma imensa massa, cujos membros vivem em condições semelhantes, mas sem estabelecerem relações multiformes entre si. Seu modo de produção os isola uns dos outros, em vez de criar entre eles um intercâmbio mútuo. (...) Cada família camponesa é quase auto-suficiente; ela própria produz inteiramente a maior parte do que consome, adquirindo assim os meios de subsistência mais através de trocas com a natureza do que do intercâmbio com a sociedade. Uma pequena propriedade, um camponês e sua família; ao lado deles outra pequena propriedade, outro camponês e outra família. Algumas dezenas delas constituem uma aldeia, e algumas dezenas de aldeias constituem um departamento. A grande massa da nação francesa é, assim, formada pela simples adição de grandezas homólogas, da mesma maneira por que batatas em um saco constituem um saco de batatas. (...) São, conseqüentemente, incapazes de fazer valer seu interesse de classe em seu próprio nome, quer através de um parlamento, quer através de uma convenção. Não podem representar-se, têm que ser representados. Seu representante tem, ao mesmo tempo, que aparecer como um senhor, como autoridade sobre eles, como um poder governamental ilimitado que os protege das demais classes e que do alto lhes manda o sol ou a chuva. (Marx, 1978: 114-115, grifo nosso)

Estamos de acordo com Marx quando o citado afirma que, tanto as especificidades do trabalho no campo, como a auto-suficiência da propriedade camponesa, não contribuem para a criação de uma consciência de classe entre os camponeses. Sobre o que o pensador diz da questão dos camponeses serem representados por algum superior, deve ser mencionado o tradicionalismo presente em comunidades onde os desígnios científicos e racionais não atingiram a ponto de relegar à religião um papel secundário em tais agrupamentos sociais.

Porém, os socialistas encontravam-se diante de uma situação delicada: como não buscar influenciar o campesinato politicamente já que a população rural constituía a maioria dos habitantes? Diante dessa tensa realidade, os socialistas não podiam permanecer calados e apenas observando as profundas mudanças que ocorriam. Dentro desse contexto de mudanças e de disputas políticas, entra a discussão sobre o camponês relacionado com o debate acerca da tática e da doutrina marxista interpretada de maneira menos abrangente. As discussões se tornaram mais constantes na década de 1890 e eram mais avançadas, principalmente no Partido Social Democrata Alemão, com profundas discordâncias.

Não obstante, foram os franceses, do Partido Operário Francês, os primeiros a lançar um programa agrário com vistas a atingir politicamente o campesinato francês, em setembro de 1892, no Congresso de Marselha, que no final foi muito mais moderado do que se esperava. Friedrich Engels, principal colaborador de Marx, em resposta ao programa agrário do P.O.F., escreveu o artigo O problema camponês na França e na Alemanha, em setembro de 1894, que tecia ardorosas críticas a tal iniciativa dos franceses. Vamos a partir de agora examinar o texto de Engels.

O autor começa com uma frase bastante interessante que reflete o quanto o problema camponês era debatido pelos socialistas que “... puseram na ordem do dia em toda parte o problema camponês (...) o camponês é um elemento essencialíssimo da população, um fator essencial da produção e de poder político.”¹ Mais à frente, o pensador afirma que a causa da apatia do campesinato para com o poder político está relacionado com o isolamento da vida rural e que, desde o crescimento da atuação do movimento operário, os capitalistas têm induzido os camponeses a enxergarem os proletários como os divisores de suas propriedades, o que gera uma tamanha resistência dos camponeses para com o operariado.

Com o avanço do capitalismo para o campo tem-se visto uma grande ruína assolar os pilares das unidades camponesas, pois “... a pequena exploração agrícola está decaindo e marcha irremediavelmente para a ruína”² E como os socialistas vão se posicionar diante de tal conjuntura? Como os socialistas vão alcançar o objetivo da conquista do poder político sem levar em consideração a existência de um numeroso campesinato? Para tais questionamentos o autor nos responde:

(...) Mas, para conquistar o poder político, este partido antes tem que ir da cidade ao campo e aí converter-se numa potência. (...) irá este partido deixar tranqüilamente o camponês, condenado à ruína, em mãos de seus falsos protetores, até que se converta de adversário passivo em adversário ativo dos operários industriais? (Ibidem, p. 60-61, grifo nosso).

Como se pode observar há a preocupação em ganhar politicamente aquele camponês que está sendo desposado de suas propriedades e ingressando na massa do proletariado ou do lupemproletariado. Engels prossegue sua exposição concluindo que o campo do velho continente está repleto de diferentes elementos, desde os pequenos

¹ Engels, 1981: 59.

² Ibidem, p. 60.

camponeses e arrendatários até aos grandes proprietários, variando de região para região o elemento predominante.

O pequeno camponês é escolhido como o “caso crítico” em se tratando do problema do campesinato. A definição de pequeno camponês abarca o proprietário e o arrendatário de um pequeno pedaço de terra que utilize mão-de-obra familiar e que seja possível prover a subsistência de todos os componentes da família. O que o diferencia do proletário industrial é o fato de o pequeno camponês possuir a posse de seus meios de trabalho que lhe possibilitem sobreviver sem ter a necessidade de vender a sua força de trabalho no mercado capitalista, portanto, o pequeno camponês, de acordo com as palavras de Engels, seria “... um vestígio de um modo de produção de tempos pretéritos”³.

A respeito dos motivos da decadência do campesinato, o teórico escreve:

Os impostos, as más colheitas, as partilhas devidas à transmissão de heranças, as questões judiciais atiram a um número crescente de camponeses nos braços dos usurários, com o acúmulo das dívidas se generalizando cada vez mais e cada camponês individual se afundando mais nelas. Numa palavra, nosso pequeno camponês, como tudo que seja resquício de um modo de produção caduco, está condenado irremediavelmente a perecer. O pequeno lavrador é um futuro proletário.

Como futuro proletário, deveria dar ouvidos à propaganda socialista. Mas há algo que o impede, no momento, e esse algo é o instinto de propriedade que está em seu sangue. Quanto mais difícil lhe parece a luta pelo seu quinhão de terra em perigo, mais violento é o desespero com que se agarra a ele e mais tende a ver no social-democrata, que lhe fala de entregar a propriedade da terra à coletividade, um inimigo tão perigoso quanto o usurário ou o advogado. Como deverá a social-democracia vencer este preconceito? Que pode oferecer ao pequeno camponês, convidado a desaparecer como classe, sem ser desleal consigo mesma? (Ibidem, p. 63).

Enfim, como deveria ser o discurso dos socialistas para com um segmento social que estava destinado a desaparecer, de acordo com as análises marxistas do desenvolvimento do capitalismo na agricultura? Deveria propor mecanismos para retardar esta propalada proletarização dos camponeses? Ou deveria ficar calada e deixar que o alastramento das relações capitalistas transformasse os camponeses em proletários, e só a partir de então, a social-democracia atuasse para conquistá-los politicamente para a defesa da revolução proletária? Os socialistas franceses optaram

³ Ibidem, p. 62.

pela primeira opção e então elaboraram um programa agrário em 1892 que já foi relatado anteriormente.

Sobre tal conjunto de propostas, Engels dirá que nenhuma delas implica em uma grande mudança estrutural no modo de produção capitalista, tendo, inclusive algumas das proposições já em vigor em alguns países capitalistas. E o mesmo propõe a seguinte indagação: “Com efeito, como era possível ajudar o camponês, concebendo-o não como futuro proletário, mas sim como camponês proprietário (...), sem ferir os princípios fundamentais do programa geral socialista?”⁴. O autor nos prova que o programa de propostas destinado aos camponeses franceses está cheio de pequenos deslizes que podem nos passar uma interpretação equivocada sobre a sociedade socialista que prevê a propriedade coletiva dos meios de produção o que vai em direção oposta às teses de defesa da propriedade individual camponesa que estão presentes em tal programa.

Sobre a propriedade individual, o pensador assevera: “... o socialismo não tem o menor interesse em sua conservação, senão que, muito pelo contrário, está interessado em que seja eliminada, já que aí onde existe e na medida em que existe torna impossível a propriedade coletiva”⁵. Ao narrar sobre “*a limitação do direito de penhora*” o programa agrário do P.O.F. nos dá a entender que a garantia da posse pequena propriedade deveria garantir certa liberdade aos mesmos. Engels contrapõe a esse pensamento, afirmando:

(...) O pequeno lavrador que cultiva sua terra não só é livre como nem detém a posse segura de seu pedaço de terra. Ele, da mesma forma que sua casa, seus animais e sua parcela de terra, pertence ao usurário; sua vida é mais insegura que a do proletário, que pelo menos vive de vez em quando dias tranquilos, coisa que não conhece o escravo atormentado de suas dívidas. (...) Sua tentativa de proteger o pequeno lavrador protegendo sua propriedade não protege sua liberdade, senão unicamente a forma específica de sua escravidão; não faz mais do que prolongar uma situação na qual não pode viver nem morrer (...)
(Ibidem, p. 66-67)

Observado o conjunto das análises dos escritos vemos que o autor entende que o campesinato é um vestígio de um modo de produção anterior ao capitalismo e que está em vias de desaparecer aonde as relações capitalistas venham a imperar. Ao mesmo tempo, o autor defende que os partidos socialistas não devem negligenciar a importância política do campesinato que está se metamorfoseando em proletário sem, contudo fazer planos demagógicos com vistas à conquista pura e simples dos votos. Para Engels, o

⁴ Ibidem, p. 64.

⁵ Ibidem, p. 66.

camponês não deve ser convencido politicamente da noite para o dia. Quem segue este caminho poderá ver num futuro o virar de costas dos camponeses, por conta de não verem as promessas cumpridas. Os socialistas não libertariam os camponeses, e “... não faríamos mais do que conceder-lhe um momento para respirar antes de ser enforcado”⁶.

Então, qual deve ser a atuação dos socialistas junto ao campesinato? No partido de cunho marxista não cabe aquele campesinato que quer eternizar a posse de sua propriedade. Os socialistas não devem trabalhar para acelerar o processo de desaparecimento do campesinato, apesar de ter conhecimento de que é um processo irreversível. Em caso de conquista do poder pelo proletariado tendo como guia o partido revolucionário, não será adotada a expropriação dos pequenos camponeses, tal como será feito com os proprietários. No modo de produção socialista os pequenos proprietários serão direcionados a trabalharem de forma coletiva em “... um regime cooperativo, não pela força...”⁷. Dessa forma:

O mais importante, em tudo isto, é e continua sendo fazer os camponeses compreenderem que só poderemos salvá-los, conservar a propriedade de sua casa e de suas terras, convertendo-as em propriedade e exploração coletivas. É justamente a exploração individual, condicionada pela propriedade individual, que conduz os camponeses à ruína. Se se aferrarem à exploração individual, serão inevitavelmente desalojados de suas casa e de suas terras e seu método antiquado de produção será substituído pela grande exploração capitalista. O problema está assim colocado e nós viemos oferecer aos camponeses a possibilidade de eles mesmos implantarem a grande exploração, não por conta do capitalista, senão por sua própria conta, coletivamente. Será que não é possível fazer os camponeses compreenderem que isto é feito em seu próprio interesse, que é seu único meio de salvação? (Ibidem, p. 74-75).

Os pontos propostos pelo autor para os camponeses no modo de produção socialista são esses que acabaram de ser expostos. Os socialistas em nenhum momento podem prometer aos camponeses a conservação da posse de sua propriedade, pois isso implicaria em uma contradição contra as premissas do socialismo que tem por fundamento a posse coletiva dos meios de produção. Os camponeses que assim compreenderem a questão da posse da terra serão perfeitamente bem-vindos às fileiras do partido socialista, pois “... quanto maior for o número de camponeses a que possamos poupar a queda efetiva no proletariado, e que possamos ganhar já para o

⁶ Ibidem, p. 73.

⁷ Ibidem, p. 73.

partido como camponeses, mais rápida e facilmente será levada a efeito a transformação social.”⁸.

Logo, estes são os pontos de vista sobre o campesinato ocidental de Friedrich Engels que, em suma, defende que o partido socialista deve fazer os camponeses enxergarem que, enquanto o capitalismo persistir, a sua situação será muito volátil e que a organização da exploração coletiva da terra a ser implantada no modo de produção socialista é a garantia de dias melhores.

As análises de Marx e Engels acima reproduzidas referem-se ao campesinato ocidental, sobretudo o exemplo francês e alemão, e em resumo, não atribuem ao camponês o papel de sujeito político para a realização da revolução socialista, limitando apenas ao proletariado tal tarefa. Porém, há certa preocupação nas análises de Engels no sentido de não fingir que os camponeses existem e a política correta, segundo o autor seria convencer os camponeses do seu inevitável desaparecimento no desenvolvimento do modo de produção capitalista e que única garantia de dias melhores seria através da propriedade coletiva a ser implementada na futura sociedade socialista.

Os próprios autores, também possuem escritos que dão uma maior relevância ao campesinato. Dentre os tais, podemos citar alguns escritos recuperados de Karl Marx e Friedrich Engels. A reflexão de Marx e Engels sobre o campesinato na Europa Oriental, notadamente o camponês russo, caminha em sentido diferente da análise do lado ocidental. No Prefácio à segunda edição russa de O Manifesto Comunista, os pensadores nos ensinam que:

Mas na Rússia encontramos, face à trapaça capitalista em rápido florescimento e à propriedade fundiária burguesa que precisamente só agora se começa a desenvolver, mais da metade do solo na posse comum dos camponeses. Pergunta-se agora: poderá a Obchtchina russa – uma forma, ainda que fortemente minada, da antiqüíssima posse comum do solo – transitar imediatamente para a ‘forma’ superior da posse comum comunista? Ou, inversamente, terá de passar primeiro pelo mesmo processo de dissolução que constitui o desenvolvimento histórico do Ocidente?

A única resposta a isto que hoje em dia é possível é esta: se a revolução russa se tornar o sinal uma revolução proletária no Ocidente, de tal modo que ambas se completem, a atual propriedade comum russa do solo pode servir de ponto de partida de um desenvolvimento comunista. (Marx & Engels, 1882, grifo nosso)⁹

⁸ Ibidem, p. 75

⁹ Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/>. Consultado em 30 janeiro 2007.

Em outro exemplo do entendimento de Karl Marx (1881: 01) a respeito da Rússia, no *Proyeycto de respuesta a la Carta de V. I. Zasulich*¹⁰, o pensador afirma:

Al tratar de la géneis de la producción capitalista, yo he dicho que su secreto consiste em que tiene por base ‘la sepación radical entre el productor y los medios de producción’ (págin. 315, columna 1 de la edición francesa de ‘El Capital’) y que ‘la base de toda esta evolución es la expropiación de los agricultores. Esta no se há efectuado radicalmente por el momento más que em Inglaterra ... Pero *todos los demás países de Europa Occidental* siguen el mismo camino’ (op. Cit, col. 2)

por tanto, he restringido expressamente la ‘fatalidad histórica’ de este movimiento a los países de Europa Occidental.

Nesta breve passagem vemos que o pensador deixa bem claro uma interpretação diferenciada para o campesinato da Europa oriental. Em outro trecho temos o reconhecimento da particularidade da comuna rural russa, o mir, quando o autor afirma: “... todos reconocerían em ella el elemento de la regeneración de la sociedad rusa y un elemento de superioridad sobre los países que se hallan aún sojuzgados por el régimen capitalista.”¹¹. Em suma, neste importante opúsculo, valendo-se das palavras de Engels nas notas introdutórias da citada carta de resposta, Marx afirma que somente uma revolução popular na Rússia, apoiada por uma revolução proletária nos países da Europa Ocidental, poderia superar “... las ‘influencias perniciosas’ que acosaban por todos os lados a la comunidad rusa. La revolución rusa crearia una situación favorable para la victoria del proletariado europeooccidental, y este ayudaria, a su vez, a Rusia a soslayar la via capitalista de desarrollo.”

Friedrich Engels, em Carta endereçada ao russo N. F. Danielson em 24 de fevereiro de 1893, afirma que “no hay duda de que la comuna, y em cierta medida el artel, contenían gérmenes que em ciertas condiciones podrían haberse desarrollado salvando a Rusia de pasar por los tormentos del régimen capitalista.”¹².

Para concluir, como tivemos a oportunidade de perceber, os autores têm um posicionamento diferente em suas análises, entre os camponeses russos e os da Europa Ocidental, desafiando aqueles que se valem de uma interpretação mais rígida e dogmática dos escritos dos autores mencionados. O exemplo das análises de Marx e Engels do campesinato nos serve como lição para entendermos o pensamento dos

¹⁰ Disponível em <http://marx.org/espanol/m-e/1880s/81-a-zasu.htm>. Consultado em 15 outubro 2006.

¹¹ Ibidem, p. 02.

¹² Disponível em <http://www.marxists.org/espanol/m-e/cartas/e24-2-93.htm>. Consultado em 30 janeiro 2007.

mesmos como um processo de lento amadurecimento das reflexões e não como algo acabado e extático.

BIBLIOGRAFIA:

ENGELS, Friedrich. “O problema camponês na França e na Alemanha.” In: SILVA, José Graziano da & STOLCKE, Verena (Orgs.). *A questão agrária*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____, Friedrich. Carta a N. F. Danielson em 24 de fevereiro de 1883. (Disponível em <http://www.marxists.org/espanol/m-e/cartas/e24-2-93.htm>. Consultado em 30 janeiro 2007).

MARX, Karl. “A estrutura de Classes na Alemanha.” In: IANNI, Octavio (org.). *Marx*. São Paulo: Ática, 1988.

_____, Karl. Nova Gazeta Renana. N.169. 15 de dezembro de 1848. In: *A burguesia e a contra-revolução*. 3.ed. São Paulo: Ensaio, 1987.

_____, Karl. Proyecto de respuesta a la Carta de V. I. Zasulich 1881. (Disponível em <http://marx.org/espanol/m-e/1880s/81-a-zasu.htm>. Consultado em 15outubro 2006)

_____, Karl. “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.” In: Marx, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos: seleção de textos de José Arthur Giannotti*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

_____, Karl & ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. Prefácio à edição russa de O manifesto comunista 1882 (Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/>. Consultado em 30 janeiro 2007).